

Quando uma equipe de mergulhadores entrou nas águas da Bélgica, um navio-tanque estava carregado com suco de fruta destinado à Austrália. Os mergulhadores da polícia belga tatearam o casco, procurando o cofre do navio, onde encontraram o que procuravam: uma pilha de blocos com cocaína. Traficar drogas requer sigilo absoluto e uma quantidade considerável de coordenação logística internacional. Mas a polícia sabia do plano, graças a informações coletadas de um dispositivo eletrônico que, desde seu lançamento, em 2018, havia se tornado um sucesso no submundo do crime. O aparelho parecia um celular comum, mas não podia ser comprado em lojas nem na Internet. Era preciso conhecer alguém que tivesse um e que estivesse disposto a pagar um preço astronômico. Mais de dez mil pessoas espalhadas pelo mundo compraram um. Nem tanto pelo aparelho em si, mas por um aplicativo contido nele, que permitia trocar mensagens secretas quando se abrisse a calculadora e digitasse determinada conta. As mensagens não só eram criptografadas, como também só podiam ser recebidas por outros aparelhos iguais, o que criava um sistema fechado. Contudo, o dispositivo não tinha nada de seguro. Todas as milhões de mensagens trocadas por meio dele, desde o lançamento, em 2018, haviam sido coletadas pela Polícia Federal da Austrália, que, em parceria com o FBI, criou, fabricou, divulgou e comercializou o aparelho. Mais de 800 pessoas foram presas ao redor do mundo, graças ao celular traiçoeiro. Na Bélgica, duas semanas mais tarde, os mergulhadores não precisaram procurar muito os sacos de cocaína; já sabiam onde estavam escondidos. Esse truque não será repetido. Ele deverá fazer com que as organizações criminosas se afastem da tecnologia, mesmo que seu trabalho fique mais lento e difícil. Além disso, a AFP estima que todas as mensagens coletadas representem só uma pequena fração das comunicações entre criminosos. É verdade que os grupos vão se adaptar, mas a polícia também tem essa capacidade.

